

# MARIA, DISCÍPULA MISSIONÁRIA

Prof. Dr. Pe. Pedro K. Iwashita CSSp\*

## RESUMO

*Este artigo procura mostrar como a Virgem Maria realiza o ideal da figura do discípulo missionário, assim como foi proposto pela V Conferência do CELAM em Aparecida em Junho de 2007. Esse tema é constantemente retomado no documento, mostrando que Maria é a imagem perfeita da discípula missionária. Este estudo pesquisa os fundamentos bíblicos e teológicos do ser discípulo missionário, ideal este concretizado por Maria e pela Igreja e proposta para todos os que querem discípulos e discípulas de Jesus Cristo.*

**Palavras-chave:** missão, evangelização, discipulado, Virgem Maria.

## ABSTRACT

*The following article outlines how Our Blessed Lady brings about the ideal missionary disciple as was proposed in the 5th Conference of CELAM that was held in Aparecida in June 2007. This is a constantly mentioned subject in the document of Aparecida, showing that Mary is the perfect image of missionary disciple. This is a research about the biblical and theological basis of being missionary disciple, which ideal is realized by Mary and by the Church and proposed to everyone who wants to be disciple of Jesus Christ.*

**Keywords:** mission, evangelization, discipleship, the Virgin Mary.

## INTRODUÇÃO

*Discípulo missionário é um dos conceitos fundamentais do Documento de Aparecida<sup>1</sup> (DAp), texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, realizada em Aparecida/SP, de 13 a 31 de maio de 2007. Ao falar da vida de Jesus Cristo nos discípulos missionários,*

---

\* Professor titular de Teologia Dogmática da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e chefe do Departamento de Teologia Fundamental da mesma faculdade.

<sup>1</sup> Cf. CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe — De 13 a 31 de maio de 2007. São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.

o documento retoma constantemente o tema do discipulado missionário. O discípulo missionário é o sujeito geral e transversal da missão. Ele é discípulo de Jesus Cristo e missionário enviado pela comunidade eclesial para dar “dar testemunho do amor” (DAp, n. 386), anunciar a chegada do Reino (DAp, n. 382) e assumir “as tarefas prioritárias” para o bem comum e a dignificação dos ser humano (DAp, n. 384).

Para o *Documento de Aparecida*, Maria é “a imagem perfeita da discípula missionária” (DAp, n. 364) e “formadora de missionários” (DAp, n. 269). As comunidades encontram em Maria a inspiração mais próxima para aprenderem “como ser discípulos e missionários de Jesus” (DAp, n. 269). Maria “ensina-nos o primado da escuta da Palavra na vida do discípulo e missionário” (DAp, n. 271). Neste estudo procuraremos pesquisar um pouco sobre o tema do discipulado missionário tendo como referência a pessoa da Virgem Maria.

## 1. O DISCIPULADO DE JESUS NA PERSPECTIVA DO EVANGELISTA LUCAS

Para Dom Santiago Silva Ramales,<sup>2</sup> o termo *discípulo* é de grande riqueza bíblica (DAp, n. 386). Destacam-se pelo menos três aspectos constitutivos do discípulo de Jesus: *a vocação, a formação ou instrução, e a missão*, que configuram e consolidam a plena identidade cristã e católica. Discípulo é aquele que toma consciência da gratuidade de sua vocação, pois é escolhido por amor e não por méritos próprios para se identificar com Jesus Cristo, segui-lo e viver seus ensinamentos na comunidade dos discípulos. O discípulo é conduzido pelo Espírito, levando-o a confessar que “Jesus é Senhor” (1Cor 12,3), adquirindo os mesmos sentimentos do Senhor, e assim podendo dar continuidade à sua missão (DAp, n. 382).

São Lucas escreveu o seu Evangelho seguindo o evangelista Marcos, tendo portanto, como referência, o testemunho autorizado da tradição apostólica, baseado principalmente na pregação do apóstolo Pedro, que é também quem dá credibilidade ao seu relato. A pregação apostólica de Pedro apresenta o seguinte esquema básico: *kerigma* e fundamento escriturístico: Jesus é o Messias segundo a vontade de Deus (DAp, n. 393), de acordo

---

<sup>2</sup> Bispo auxiliar de Valparaíso (Chile). Cf. ÁLVAREZ, C. G. *Maria Discípula de Jesus e Mensageira do Evangelho*. São Paulo: CELAM/Paulinas/Paulus, 2005, pp. 5-6.

com as Escrituras (At 2,14); a apresentação das etapas da vida de Jesus: antes do seu ministério na Galileia, Jesus é anunciado por João Batista que o batiza, e o Pai o unge com seu Espírito. Depois vem o ministério de Jesus na Galileia, em que ele anuncia e torna realidade o Reino de Deus, revelando a misericórdia do Pai por meio dos milagres de cura e do domínio sobre os demônios (Mc 1,1-8,30). Neste contexto todo, os discípulos são testemunhas de todos esses acontecimentos e são enviados para a missão para arrependimento e conversão do povo judeu e de todas as nações.<sup>3</sup>

A narrativa da entrada de Jesus em Jerusalém e no templo, seguida de sua morte e ressurreição, é importante para compreender o discipulado no Evangelho de Lucas (Lc 19,28ss.), porque ele faz do caminho de Jesus para Jerusalém um modelo de discipulado fiel e generoso, pois do mesmo modo como Jesus respondeu à vontade do Pai, assim o discípulo deve responder à vontade do Messias e Salvador do mundo. A subida de Jesus para Jerusalém é um paradigma de vida cristã e de missão apostólica. Ir atrás de Jesus é procurar fazer o seu caminho, o de sua vida e ministério desde o seu batismo até o dia de sua partida deste mundo e de seu sofrimento para a ressurreição e para a glória (Lc 9,31). O discípulo também deve fazer o “caminho da Igreja”, que saiu de Jerusalém para testemunhar a alegria de crer e viver o ministério pascal do Senhor que liberta o mundo do pecado e da submissão ao mal.<sup>4</sup>

O caminho de Jesus para Jerusalém é também o caminho que o discípulo — e também a Igreja — deve percorrer. Esse caminho significa a nova vida gerada pela fé em Cristo (At 22,4), a forma radicalmente nova de viver decorrente da adesão fiel ao Senhor. Porém é preciso estar consciente de que o “caminho de Jesus” é o caminho de um profeta condenado por sua fidelidade a Deus (Jr 18,18-19) de forma que o seu destino não foi diferente do dos profetas do Antigo Testamento, porque Jerusalém mata os profetas e apedreja os que lhe são enviados (Lc 13,34). Para os que querem seguir a Jesus, esse caminho é escola de discipulado, que ensina o amor ao próximo (Lc 10,25-37), a conversão radical (Lc 13,1-9), a oração contínua (Lc 11,1-13), o seguimento (Lc 14,23-33), o desapego dos bens materiais confiando totalmente em Deus (Lc 12,13-34), a fidelidade e o testemunho (Lc 12; 11).

<sup>3</sup> Cf. RETAMALES, S. S. *Discípulo de Jesus e discipulado segundo a obra de são Lucas*. São Paulo: CNBB/Paulinas/Paulus, 2005, pp.13-14.

<sup>4</sup> *Ibid.*, p.16.

Além disso, a Parusia não é para ser entendida como a manifestação do Reino no final dos tempos, mas como progressiva culminância dos bens da salvação, que através da presença do Espírito do Ressuscitado, já podem ser usufruídos neste mundo, o que é razão de gozo e de alegria, mas que impõe também vigilância e perseverança (Lc 12,35-47).

O caminho de Jesus para Jerusalém é também o mesmo modelo proposto para a Igreja através da convocação e envio de missionários, acompanhamento da obra evangelizadora, edificação da Igreja e cumprimento de sua missão (Lc 9,57-62; 19,17-24). Desta forma, o caminho de Jesus para Jerusalém não é somente escola de discipulado, mas também de evangelização.<sup>5</sup>

## **2. MARIA, A DISCÍPULA MISSIONÁRIA**

### **2.1. A irrupção do Reino na vida de Maria**

A vocação de Maria para o seguimento do caminho de Jesus vai se concretizando desde cedo, principalmente quando Deus irrompe em sua vida na Anunciação (Lc 1). Naquele instante Maria é uma mulher simples de Nazaré e desposada com José, inicia todo um caminho de conhecimento e transformação, que em Lucas, é o caminho do discipulado, que só pode ser percorrido numa atitude de fé; Maria demonstrou sua fé em todos os passos como discípula do Reino (DAp, n. 382).<sup>6</sup>

Em Nazaré Maria acreditou na mensagem do anjo, que depois da saudação disse:

Não temas, Maria! Encontraste graça junto de Deus! Eis que conceberás no teu seio e darás à luz um filho, e tu o chamarás com o nome de Jesus. Ele será grande, será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu Pai; ele reinará na casa de Jacó para sempre, e o seu reinado não terá fim (Lc 1,30-33).

<sup>5</sup> Ibid., p.17.

<sup>6</sup> Cf. ÁLVAREZ, Carlos G. *Maria discípula de Jesus e mensageira do Evangelho*. São Paulo: CELAM/Paulinas/Paulus, 2005, p. 71. Cf. também PAREDES, José Cristo Rey Garcia. *Maria en la comunidad del Reino*. Síntesis de Mariología. Madrid: Publicaciones Claretianas, s.d.

A saudação do anjo foi para Maria uma Notícia de Vida em que se falava do amor pleno de Deus por ela, a “cheia de graça”; é oferecida para ela a possibilidade de ser a Mãe do Messias, cuja missão lhe é explicada pelo mesmo anjo (Lc 1,30-33).

Antes de dar a resposta, Maria procurou saber como isso iria acontecer, “se eu não conheço homem” (Lc 1,34); a essa pergunta, o anjo lhe respondeu:

O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai te cobrir com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus. Também Isabel, tua parenta, concebeu um filho na velhice, e este é o sexto mês para aquela que chamavam de estéril. Para Deus, com efeito, nada é impossível (Lc 1,35-37).

Dizendo “Eu sou a seiva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra!” (Lc 1,38), Maria fez um ato de fé, o primeiro ato de fé no Verbo, o primeiro ato de fé cristão, condição essencial para se tornar discípulo do Mestre.

O texto bíblico diz que Maria *ficou intrigada* (Lc 1,29) ao ouvir a saudação do anjo. *Ficar intrigado* significa ficar perplexo, curioso ou até mesmo desconfiado.<sup>7</sup> Ora, essa pequena observação sobre a atitude ou comportamento de Maria é rica em informações sobre o que se passou no interior dela.

Maria não está faltando com a fé. Ela não está duvidando no sentido da incredulidade ou do ceticismo. É mais num sentido do discernimento,<sup>8</sup> que conforme Marcozzi (2003), é a perscrutação e o juízo acerca daquilo que move nossas ações e como os entes que podem incutir ou causar tais moventes são de natureza espiritual, usa-se o termo “dos espíritos” para identificar esse tipo de discernimento.<sup>9</sup>

Maria, na verdade, está agindo com prudência, e foi a mesma atitude diante do anúncio do anjo, perguntando “como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?” (Lc. 34).

Com certeza Maria está primeiramente analisando tudo à luz da fé, fruto de uma longa escuta da palavra de Deus e das profecias messiânicas: “Porei hostilidade entre ti e a mulher, entre tua linhagem e a linhagem dela.

<sup>7</sup> Cf. HOLANDA Ferreira, A. B. de. *Mini Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa*. 6ª ed. Curitiba: Positivo, 2004.

<sup>8</sup> Cf. LOYOLA, Sto. I. *Exercícios espirituais*. 1ª ed. Porto Alegre, 1966, pp. 199-204.

<sup>9</sup> Cf. MARCOZZI, V. Verbete: “Discernimento dos espíritos”. In: BORRIELO, L. et alii (dir.). *Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003, p. 334.

Ela te esmagará a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3,15); o anúncio do nascimento de um filho: “Pois sabeis que o Senhor mesmo vos dará um sinal: Eis que a jovem concebeu e dará à luz um filho e por-lhe-á o nome de Emanuel” (Is 7,14); “porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros, e lhe foi dado este nome: Conselheiro maravilhoso, Deus forte, Pai eterno, Príncipe da paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça” (Is 9,5-6).

Maria tem também na sua memória as mulheres do Antigo Testamento: Míriam, Ana, Rute, Judite, Ester, entre outras, e algumas delas conseguiram gerar apesar da esterilidade, como Sara (Gn 16,1-2) ou Ana (1Sm 2,1-10), sobre cujo hino parece que o Magnificat está calcado.

O anúncio a Maria acontece, portanto, num contexto de muitas expectativas pela vinda do Salvador, pelo nascimento do Messias. Talvez fosse naquela época, sonho de qualquer mulher israelita, ser a mãe do Messias, e neste contexto de sugestibilidade, Maria sendo uma jovem mulher muito sensata, quis talvez checar os seus sentidos ficando *intrigada* (Lc 1,29) diante da mensagem do anjo. Isto é muito importante, porque está mostrando que a fé de Maria é uma fé dinâmica, uma fé que vem da palavra de Deus, uma fé que se nutre da oração na confiança e na entrega a Deus, uma fé que é feita de desafios que precisam ser superados, porque a fé de Maria não é uma receita pronta, feita de facilidades.

Em Lucas, lemos que Maria, ao encontrar o menino Jesus no templo conversando com os doutores, disse-lhe: “Meu filho, por que agiste assim conosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, te procurávamos. Ele respondeu: Por que me procuráveis? Não sabeis que devo estar na casa de meu Pai? Eles, porém, não compreenderam a palavra que ele lhes dissera” (Lc 2,48-50). Esse testemunho do Evangelho revela que Maria teve que crescer no caminho da fé, e que, portanto, sua fé era dinâmica e não uma fé estática, no sentido de que tudo teria sido claro de antemão para ela.

Na Anunciação, Maria demonstrou uma fé madura, responsável, e, com certeza, ela não está pensando somente em si mesma, mas também no seu povo, na humanidade que aguardava o Salvador. Depois de muito bem ponderar, Maria diz o seu sim pronunciando o *fiat* (Lc 1,38). Esse *fiat* (faça-se) de Maria foi pleno e sem impor condições. É um *fiat* que já havia

ressoado em outros momentos cruciais da história: o *fiat* de Deus (Gn 1) no começo da criação, e o *fiat* de Jesus na redenção (Mt 26,39; Lc 23,46).<sup>10</sup> O primeiro, isto é, o *fiat lux* foi o “sim” divino na pessoa que o pronuncia; o segundo, o *fiat* de Jesus no Getsêmani, é o ato de um Deus; humano porque é pronunciado segundo a vontade humana, divino porque esta vontade pertence à pessoa do Verbo; o *fiat* de Maria é o “sim” humano de uma criatura humana. Nele, tudo recebe seu valor pela graça. Antes do “sim” decisivo de Cristo, tudo que há de consentimento humano à obra da redenção está expresso neste *fiat* de Maria”.<sup>11</sup> Conforme Karl Rahner: “Num instante que nunca mais vai desaparecer e que permanece válido por toda a eternidade, a palavra de Maria foi a palavra da humanidade, e o seu ‘sim’ foi o Amém de toda a criação ao ‘sim’ de Deus”.<sup>12</sup>

Todavia, o ato de fé de Maria não foi nada fácil. Tornar-se a mãe de um filho rei, cujo reinado será eterno, significava ser a mãe do Messias, sonho de toda mulher judia, todavia ceder a tais sentimentos ou raciocinar desta forma é uma forma muito humana e carnal, porque uma fé genuína e pura significa sempre, antes de ser um privilégio, ter que morrer um pouco, e assim foi com Maria no seu ato de fé diante da proposta de Deus, que “jamais engana, nem arranca das criaturas seu consentimento de maneira sub-reptícia, escondendo-lhes as consequências que irão enfrentar”.<sup>13</sup> À luz do Espírito Santo, que acompanha o chamado de Deus, Maria deve ter previsto que o seu caminho não seria diferente dos que a precederam na fé, como o profeta Jeremias (Jr 1,19), e que na verdade vai se confirmar como sendo mais difícil ainda nas palavras de Simeão:

Eis que este menino foi colocado para a queda e para o soerguimento de muitos em Israel, e como um sinal de contradição — e a ti uma espada transpassará tua alma — para que se revelem os pensamentos íntimos de muitos corações (Lc 2,34-35).

Na verdade, Maria se encontrou sozinha diante do acontecido. Com quem ela teria podido falar para explicar o que tinha acontecido? Com quem ela teria podido falar para explicar o que aconteceu nela? E quem teria acreditado se dissesse que a criança concebida por ela seria obra do Espírito

<sup>10</sup> Cf. CANTALAMESSA, R. *Maria, um espelho para a Igreja*, pp. 33-34.

<sup>11</sup> CANTALAMESSA, R. *Op. cit.*, p. 34.

<sup>12</sup> RAHNER, K., *apud*. CANTALAMESSA, R. *Op. cit.*, p. 34.

<sup>13</sup> CANTALAMESSA, R. p. 35.

Santo? “Isto nunca aconteceu antes dela, nem irá acontecer depois. Maria conhecia certamente o que estava escrito no livro da Lei: se, por ocasião das núpcias, fosse constatado que a moça já não era virgem, deveria ser levada à entrada da casa de seu pai para ser apedrejada pelos habitantes da cidade (Dt 22,20s)”.<sup>14</sup> Hoje se fala no risco da fé, e no caso de Maria tratou-se de um risco real.

Se acreditar significa avançar apesar de as sinalizações da estrada estarem dizendo para voltar, então, sem dúvida, Maria foi a crente por excelência, e ninguém poderá se igualar a ela, que se encontrou completamente abandonada nos braços do Absoluto, acreditando antes de qualquer confirmação ou convalidação por parte dos eventos e da história, e por isso vale para ela a bem-aventurança proclamada por Jesus: “Bem-aventurados os que sem terem visto, acreditam!” (Jo 20,29), e Maria foi a primeira entre aqueles que, sem terem visto, acreditaram.<sup>15</sup>

Na imensa esteira dos crentes que formam a Igreja, na ponta inicial dessa esteira se encontra Maria com o seu *fiat*. Se se trata do grande rio da oração que flui na Igreja, na nascente encontramos Jesus que reza e, quando se trata do grande rio da fé, encontramos a fé de Maria, antes mesmo da fé dos apóstolos.<sup>16</sup> Fazendo assim, Maria nos mostrou a importância da fé, pois a graça não pode agir se faltar a fé:

A fé é a base de tudo; é a primeira e a “melhor” obra a ser cumprida. A obra de Deus é esta, diz Jesus: que acrediteis (Jo 6,29). A fé é tão importante porque é a única que conserva à graça a sua gratuidade. Não procura inverter as partes fazendo de Deus um devedor e do homem um credor. Por isso, a fé agrada tanto a Deus que ele, no seu relacionamento com o homem, faz praticamente tudo depender dela.<sup>17</sup>

Movida por uma fé ativa, Maria vai à montanha visitar a sua prima Isabel para comunicar-lhe o anúncio do anjo sobre a presença nova e definitiva do Salvador (Lc 1,39-44). Maria é louvada e abençoada por isso: “Bendita és tu que acreditaste, porque tudo o que o Senhor disse e confiou

---

<sup>14</sup> Ibid., p. 35.

<sup>15</sup> Cf; CANTALAMESSA, R., pp. 35-36.

<sup>16</sup> Ibid., p. 36.

<sup>17</sup> CANTALAMESSA, R., p. 42.



se cumprirá em ti” (Lc 1,45). Maria louva e bendiz o seu Senhor por tudo o que Ele tem feito pelo seu povo, pois Ele é o Senhor, Santo, Poderoso e cheio de misericórdia (Lc 1,46,55). Maria guarda e medita em seu coração todos esses acontecimentos; ela é a discípula que aprende a ler os fatos, os acolhe como palavra de vida e os guarda no coração, avançando assim como discípula na peregrinação de sua fé. Viver como discípulo, como Maria foi discípula, significa fazer um árduo trabalho de questionamento e de busca, de meditação e de interiorização,<sup>18</sup> de silêncio e de contemplação, de estupefação e de surpresa, de obscuridade e de pergunta, de encontro e de júbilo, de angústia e de incompreensão, pois é seguir o Mestre no caminho para Jerusalém e em seguida para o calvário, porém a ressurreição é a recompensa de Deus por todo o esforço e sacrifício do discípulo e da discípula de Jesus Cristo.

## **2.2. Aspectos diacrônicos do itinerário discipular de Maria**

Após termos percorrido com Maria o caminho do discípulo do Mestre, é necessário precisar em que sentido específico Maria é a primeira e perfeita discípula de Cristo.

Diante do discipulado apresentado no NT, constata-se que Maria, de fato, não entra em nenhuma das categorias em que o mesmo se subdivide: Maria não pertence ao grupo dos doze apóstolos, não faz parte do grupo dos discípulos itinerantes que seguem Jesus por toda parte, não se confunde com a multidão, e, em vez disso, ela emerge da multidão formando parte do grupo dos parentes de Jesus que não o seguem, mas que se interessam por Ele. Na verdade, Maria é uma discípula *atípica* e *arquetípica*, que, embora partilhasse de tantas atitudes dos discípulos de Jesus, não pode, no entanto, ser reduzida à medida deles; ao contrário, inegavelmente os supera, não podendo ser reduzida nem ao discipulado doméstico e nem ao discipulado itinerante, porque participa de ambos. Mesmo sem viver o seguimento de Jesus, mesmo não tendo sido chamada para a itinerância, ela esteve presente no início do ministério do Filho nas Bodas de Caná, durante a sua pregação e finalmente embaixo da cruz.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> Cf. ÁLVAREZ, C. G. op. cit., p. 76.

<sup>19</sup> Cf. DE FIORES, S. María, Madre y Discípula, formadora de los discípulos y misioneros de Jesucristo, en la teología postconciliar. In: CELAM. *María, Madre de Discípulos. Encuentro*

O tipo de discipulado vivido por Maria será mais bem definido depois que virmos as suas características (aspecto sincrônico) após ser aprofundado o ponto de vista evolutivo (aspecto diacrônico). Vimos acima que a fé de Maria foi uma fé dinâmica, sujeita ao tempo, de modo que foi interpretado pela *Lumen Gentium* (LG, n. 58) como tendo avançado na peregrinação da fé, passando do Antigo Testamento para o Novo Testamento como verdadeira discípula de Jesus, fazendo o caminho do discipulado desde a Anunciação até o Pentecostes.

Dos aspectos diacrônicos do itinerário discipular de Maria, podemos destacar o fato de que:

1. *Maria creu no Cristo anunciado*. Assim como João Batista superou todos os profetas nascidos de mulher (Mt 11,11) anunciando a Cristo presente, da mesma forma Maria superou os crentes da primeira aliança, porque a sua fé se desenvolveu em um sentido cristão (DAp, nn. 266, 271), o que está no evento da Anunciação (Lc 1,26-38), que mais que analogias com os esquemas veterotestamentários de anunciação, a narração lucana se distingue por dois elementos de grande destaque: primeiro o conteúdo do anúncio não tem a ver com um evento da história da salvação, mas sim com o núcleo dessa história, a saber, a vinda do Messias davídico com função de rei escatológico, e a concepção virginal do Filho de Deus em sentido verdadeiro e próprio (Lc 1,31-32.35). Em segundo lugar, o anúncio a Maria se diferencia dos anúncios anteriores pela ênfase dada à resposta da Virgem, que reage à proposta divina pronunciando um consentimento pleno e definitivo: “Eis aqui a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38), podendo-se identificar aqui a fórmula da aliança com a qual o povo dava o seu assentimento à proposta divina de comunhão (Js 24,24).<sup>20</sup>

2. *Maria penetrou progressivamente no mistério de Cristo* (DAp, n. 271). A partir da resposta dada ao anjo, começa para Maria o caminho até Cristo, marcado por vicissitudes e seguido de um trabalho de assimilação. Não é um itinerário pacífico e óbvio, porque as convicções que Maria adquire são transtornadas por sucessivas mensagens que a obrigam a se elevar até novos âmbitos e metas não imaginadas. Maria avança mediante uma assimilação

---

*continental de pastoral mariana y congreso teológico pastoral-mariano*. Bogotá: CELAM, 2007, pp. 17-18.

<sup>20</sup> Ibid., p. 22.

gradual do mistério de Jesus e de suas palavras, até chegar gradualmente à confiança total no Filho manifestado nas bodas de Caná.

3. *Maria foi chamada a ser discípula de Cristo (DAp, nn. 269, 320).* Com a passagem da vida oculta, caracterizada pela obediência aos pais, à vida pública, em que Jesus reivindica a própria independência renunciada no episódio do encontro do menino Jesus no Templo (Lc 2,49). Cristo se libera da dependência materna para se dedicar à sua vocação messiânica e anuncia a superioridade dos laços espirituais derivados da fé obediente à Palavra de Deus. Maria, então, como mãe que exerce os direitos maternos é chamada a ser discípula do Filho, aderindo com fé a ele e a seu projeto de instauração do Reino de Deus no mundo. A reivindicação da transcendência messiânica de Jesus, o qual já não recebe ordens a não ser do Pai, e a instauração de uma nova família, à qual se pertence não por descendência de estirpe a não ser mediante a fé e o discipulado, aparecem em Marcos e em outros dois evangelhos.<sup>21</sup>

4. *Maria como protodiscípula de Cristo segundo o evangelho de São João: parentesco e discipulado (DAp, n. 270).* Enquanto o mundo exegético admitia com certa convergência a teoria da separação entre Jesus e Maria com o início da vida pública, o que comportava um eclipse do papel de Maria e de seus familiares, Adriana Destro e Mauro Pesce<sup>22</sup> se perguntam em um estudo se seria possível conjecturar alguma forma de compenetração do discípulo com a parentela. Na investigação de ambos se chegou à conclusão de que pelo menos no evangelho de João a contraposição não aparece em termos de exclusão entre parentela e discipulado. Típico exemplo é a narrativa das bodas de Caná, em que Maria é introduzida na ceia segundo as categorias de consanguinidade como “Mãe de Jesus” (Jo 2,1). Enquanto os discípulos são apresentados como meros destinatários da manifestação da glória de Cristo, Maria é percebida como uma presença dramática e necessária, tanto é que a manifestação do poder do Filho é mediada pela Mãe. Em Jo 2,12 se diz que, “depois, desceram a Cafarnaum, ele, sua mãe, seus irmãos e seus discípulos, e ali ficaram apenas alguns

---

<sup>21</sup> Ibid., p. 27.

<sup>22</sup> DESTRO-PESCE, “Gesù, sua Madre, i Fratelli e i suoi discepoli nel vangelo di Giovanni, 51”, apud DE FIORES, S. María, Madre y Discípula, formadora de los discípulos y misioneros de Jesucristo, en la teología postconciliar. In: CELAM. *María, Madre de Discípulos. Encuentro continental de pastoral mariana y congreso teológico pastoral-mariano*. Bogotá: CELAM, 2007, pp. 31s.

dias”, mostrando os dois grupos iniciais, Maria e os parentes de um lado, e Jesus e os discípulos do outro, os quais agora convivem na única comunidade de Cafarnaum, o que desmente a teoria da separação entre Mãe e Filho. Mais importante ainda, em Jo 19, em que os laços que valem não são os laços de sangue, mas os laços da fé, pois sobre o Calvário Maria é declarada Mãe da nova família, de tal maneira que se poderia sustentar que o discipulado resulta remodelado com base nos critérios e na lógica do parentesco. Sem dúvida, as palavras filho-mãe transcendem o nível natural para expressar a realidade do “renascimento” na ordem do Espírito, ou seja, da nova família dos filhos do Pai anunciada e criada por Jesus em seus mistérios, e que veio para comunicar em abundância (Jo 10,10) a vida nova a quantos nascem da água e do Espírito (Jo 3,5), dando-se aqui um inesperado salto em que os discípulos de Jesus se transformam em filhos do Pai, com a cooperação divina do Espírito e humana de Maria e da Igreja.<sup>23</sup>

### **2.3. Aspectos sincrônicos do itinerário discipular de Maria**

Depois de termos traçado o itinerário discipular da mãe de Jesus, tentaremos uma sistematização desses dados em vista de sua exemplaridade em ordem ao povo de Deus, apresentado-a como tipo do discípulo. Maria participa do discipulado bíblico, personalizando suas três notas distintivas.

1. *Resposta à vocação.* Maria é destinatária do chamado divino (DAP, n. 260), característico dos seguidores de Jesus em sua vida terrena, e que, no caso dela, se inicia com o evento da Anunciação baseado no modelo veterotestamentário da vocação em vista da missão (Lc 1,26-38): a saudação, a surpresa, uma primeira mensagem, um sinal e finalmente o consentimento são destacados por Lucas em termos de obediência e de serviço: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Essa foi a resposta pronta e generosa de Maria à sua vocação, através da qual é convidada a tomar parte na realização do plano da salvação querido por Deus.<sup>24</sup>

2. *Mistagogia permanente e progressiva.* Mesmo que os discípulos estivessem unidos a Jesus por uma confiança obediente, amizade e afeto íntimo, foi difícil segui-lo, porque entrar em comunhão com sua vida implicou “carregar a própria cruz” (Mt 16,24-25), e assimilar seu ensinamento que

<sup>23</sup> Cf. DE FIORES, S. Op. cit., pp. 31s.

<sup>24</sup> Ibid., pp. 38s.

transmite os mistérios do reino de Deus (Mt 13,11-12). Os discípulos têm dificuldade em assimilar o ensinamento e o exemplo do Mestre, de modo que os três anos transcorridos com Jesus constituíram para eles uma iniciação para introduzi-los na compreensão e na prática do evangelho. Também para Maria, Jesus era um enigma, e suas palavras eram incompreensíveis, mas se tratou de uma incompreensão provisória, pois Maria é apresentada por Lucas como mulher que conservava a lembrança dos atos e palavras concernentes a Jesus em seu coração; ela não perdia os acontecimentos relativos a Jesus no fluxo do tempo, mas os recordava, interiorizava e os guardava (Lc 2,51). Em Maria se operava uma verdadeira mistagogia permanente e progressiva que a permitia penetrar na verdadeira identidade de Cristo e segui-lo em comunhão de vida até a partilha do mistério pascal, de forma que a identidade do Filho se tornou acessível para ela somente em uma consciência madura trinitária, que será confirmada pelos acontecimentos da ressurreição e do envio do Espírito (DAp, n. 271).

3. *Anúncio e testemunho.* No evangelho de Lucas identificamos a tríade “os doze”, “os apóstolos” e “as testemunhas”, que têm a tarefa de anunciar e de testemunhar. As perícopes da ascensão (At 1,1-14), da eleição de Matias (At 1,15-26) e de Pentecostes (At 2,1-47) revelam que “os doze apóstolos” são as verdadeiras testemunhas de Cristo.<sup>25</sup> Em sentido estrito, as testemunhas devem ter feito experiência do Jesus pré-pascal do batismo de João em diante, e devem ter se beneficiado do encontro com Jesus ressuscitado e finalmente devem ter recebido a força do Espírito. Maria não fez parte do grupo dos doze, mas ninguém melhor que ela pode cumprir a tarefa de testemunho, além de garantir, com sua presença, o realismo da encarnação do Filho de Deus; a Mãe de Jesus se encontra entre aqueles que testemunharam Jesus ressuscitado subir ao céu e depois entraram na casa onde “perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus” (At 1,14), esperando a vinda do Espírito: “Recebereis uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judeia e na Samaria, e até os confins da terra” (At 1,8). Vimos Maria imediatamente depois da anunciação mover os pés missionários até a montanha para levar a Cristo a Isabel provocando a efusão carismática do Espírito sobre ela e o gozo messiânico sobre João Batista ainda no ventre materno (Lc 1,39-45). Da mesma maneira, depois de Pentecostes, Maria se

---

<sup>25</sup> G. SCHNEIDER. *Gli Atti degli apostoli*. Parte prima. Brescia: 1985, p. 308, apud DE FIORES, S. Op. cit., p. 42.

encontra entre os que, “cheios do Espírito Santo [...], começaram a falar em outras línguas” e a profetizar realizando as palavras do profeta Joel (At 2,4.18).

4. *Maria protodiscípula, tipo, modelo dos discípulos de Jesus.* Não há dúvida de que à Mãe de Jesus pertença o título de discípula pelo simples motivo que o mesmo corresponde a um uso bem estabelecido, que por sua vez reenvia a uma autodesignação dos cristãos palestinos. Considerando a alta qualidade do discipulado de Maria, muitos exegetas terminaram por reconhecer nela uma tipologia que a faz exemplo para todos os discípulos do único mestre que é Cristo. *Maria é a representação eminente do discípulo.* Sem dúvida cada fiel, como também cada apóstolo e seguidor de Jesus, manifesta e faz visível o discipulado cristão, porém ninguém é idôneo para representá-lo e dar uma experiência viva de Jesus como pode fazê-lo Maria, pois em sua pessoa completamente dedicada ao serviço de Deus e perfeitamente unida ao Filho Salvador, a Virgem é a representação singular e transparente da íntima essência do discípulo do Senhor. *Laços de Maria com os discípulos de Cristo.* Como perfeita discípula, Maria não se separa dos fiéis, porque ela não é estranha ao seu grupo, nem à Igreja universal, e nem mesmo à mesma humanidade. Tendo contribuído no surgimento da vida sobrenatural, Maria continua sua obra materna acompanhando aos fiéis no crescimento e maturação da mesma vida com o fim de que Cristo seja plenamente formado neles (cf. Gl 4,19). A maternidade de Maria é maternidade educadora, pois ela não mantém os fiéis em um estado de infantilismo espiritual, mas procura o desenvolvimento dos mesmos até um cristianismo adulto e responsabilmente comprometido. Maria coopera na formação dos cristãos, suscita com a sua influência e exemplo uma atividade de assimilação à vida de Cristo e uma disponibilidade aos designios divinos que mobilizam o homem ao longo de toda a sua existência terrena.<sup>26</sup>

#### **2.4. Maria missionária**

O tema central dos Atos dos Apóstolos é o testemunho do Senhor Ressuscitado, que, embora se refira principalmente aos doze apóstolos, se estende a todos os membros da comunidade. Porém, a figura de uma Maria missionária talvez seja estranha ao imaginário coletivo dos cristãos, embora conforme os dados neotestamentários façam dela, evidentemente depois

<sup>26</sup> Cf. DE FIORES, S. Op. cit., pp. 44ss.

de Cristo consagrado e enviado ao mundo (Jo 10,36) e em comunhão com os apóstolos, a primeira e a mais alta expressão da Igreja evangelizadora.

A vocação de Maria não foi ordenada somente à maternidade messiânica (Lc 1,30-33), pois já na visitação ela atua como a “protomissionária” e antecipa a Igreja na dinâmica “consagração no Espírito-missão apostólica”. Coberta e consagrada pelo Espírito (Lc 1,35), Maria se põe a caminho até a Judeia levando em seu seio o Salvador e desta forma antecipou a viagem de Jesus até Jerusalém (Lc 9,51); viagem missionária e salvífica enquanto a saudação de Maria provoca a efusão carismática do Espírito sobre Isabel que discerne na jovem prima a Mãe do Senhor, e também sobre João Batista, que salta de alegria na presença do Messias dentro de Maria de cujo coração transborda o cântico pneumático do Magnificat.

O Espírito desce sobre Maria em Pentecostes e também desce sobre os apóstolos e outros membros da comunidade, os consagra e os torna testemunhas de Cristo ressuscitado. Também a Mãe de Jesus é parte desse grupo de pessoas “que ficaram repletos do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito lhes concedia que se exprimissem” (At 2,4).<sup>27</sup> Maria esteve presente assim no primeiro anúncio do evangelho. O missionário é o apóstolo do *kerigma* ou o *primeiro anúncio*. Maria, virgem e mãe, forma parte do anúncio do evangelho. Anuncia-se a Cristo verdadeiro homem, filho de Maria, e verdadeiro Deus, pois Maria Virgem concebeu por obra do Espírito Santo; Cristo é o Redentor e Salvador, e Maria, figura da Igreja, está associada à obra redentora. Assim, Maria faz parte do primeiro anúncio missionário, como a mulher da qual, por obra do Espírito Santo, nasce Cristo, o Filho de Deus Feito homem, nosso Salvador.<sup>28</sup>

## CONCLUSÃO

A razão de ser de Maria e da Igreja é a de receber a Cristo para anunciá-lo ao mundo. A Igreja olha para Maria como ponto de referência para os povos e para a humanidade inteira (DAp, n. 268).<sup>29</sup> Maria precede a Igreja como o grande sinal (Ap 12,1), como “a estrela da evangelização”.<sup>30</sup> Este título mariano indica que

<sup>27</sup> Ibid., p. 55.

<sup>28</sup> Cf. BIFET, J. E. *Misionología*. Evangelizar en un mundo global. Madrid: BAC, 2008.

<sup>29</sup> Cf. *Redemptoris Mater*, 6. In: Documentos da Igreja. *Encíclicas de João Paulo II*. São Paulo: Paulus, 1997.

<sup>30</sup> Cf. *Evangelii Nuntiandi*, 82. In: Documentos da Igreja. *Documentos de Paulo VI*. São Paulo: Paulus, 1997.

Maria é “tipo”, figura e personificação da Igreja, que é virgem, mãe e missionária. A Igreja se sente identificada com Maria na missão universal, pois ela foi a primeira evangelizada e se tornou também a primeira discípula, a primeira missionária na visitação à sua prima Isabel, anunciando a Boa-Nova ao levar o Cristo no seu ventre para proclamá-lo como o Messias, Salvador e Redentor. Assim Maria personifica para nós a figura do discípulo missionário, como foi preconizada pela Conferência de Aparecida.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ÁLVAREZ, C. G. *Maria, discípula de Jesus e mensageira do Evangelho*. São Paulo: CELAM/Paulinas/Paulus, 2005.
- BIFET, J. E. *Misionología. Evangelizar en un mundo global*. Madrid: BAC, 2008.
- CANTALAMESSA, R. *Maria, um espelho para a Igreja*. Aparecida: Santuário, 1992.
- CELAM. *Documento de Aparecida*. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 13-31 de maio de 2007. São Paulo: Edições CNBB/Paulus/Paulinas, 2007.
- CELAM. *María, Madre de Discípulos. Encuentro continental de pastoral mariana y congreso teológico pastoral-mariano*. Bogotá: CELAM, 2007.
- DE FIORES, S. María, Madre y Discípula, formadora de los discípulos y misioneros de Jesucristo, en la teología postconciliar. In: CELAM. *María, Madre de Discípulos. Encuentro continental de pastoral mariana y congreso teológico pastoral-mariano*. Bogotá: CELAM, 2007, pp. 11-67.
- FERREIRA, A. B. H. *Mini Aurélio. O Dicionário da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004, 6ª ed.
- LOYOLA, I. *Exercícios espirituais*. Porto Alegre, 1966, 1ª ed.
- LUMEN GENTIUM. *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2001.
- MARCOZZI, V. Verbetes: “Discernimento dos espíritos”. In: BORRIELO, L. et alii (dir.). *Dicionário de Mística*. São Paulo: Loyola/Paulus, 2003.
- PAREDES, J. C. R. G. *María en la comunidad del Reino*. Síntesis de Mariología. Madrid: Publicaciones Claretianas, s.d.
- REDEMPTORIS MATER. Documentos da Igreja. *Encíclicas de João Paulo II*. São Paulo: Paulus, 1997.
- RETAMALES, S. S. *Discípulo de Jesus e discipulado segundo a obra de são Lucas*. São Paulo: CNBB/Paulinas/Paulus, 2005.